



### GT 003. A luta pelo espaço nos centros urbanos contemporâneos

Urpi Montoya Uriarte (Universidade Federal da Bahia) - Coordenador/a, Cornelia Eckert (UFRGS) - (Coordenador/a), Cristina Patriota de Moura (Universidade de Brasília) - Debatedor/a, Luísa Maria Silva Dantas (PPGAS/UFRGS) - Debatedor/a, Ana Luíza Carvalho da Rocha (Universidade Feevale/RS) - Debatedor/a

Nos centros urbanos convivem uma grande quantidade de espaços vazios desocupados e pessoas morando nas ruas, prédios abandonados e cortiços superlotados, edifícios restaurados e ruínas urbanas, imóveis ocupados por refugiados de todos os tipos, territórios de legalidades e ilegalidades. Neste espaço de múltiplas contradições e conflitos se livram, na atualidade, de forma aberta ou difusa, uma luta violenta e desigual pelo espaço, protagonizada por racionalidades opostas e lógicas complexas, formas distintas de entender a ordem, de habitar e de circular, de lembrar, de usar ou contra-usar. Projetos de reabilitação, revitalização, gentrificação, empreendedorismo e ordenamento urbano intervêm no espaço público usado por milhares de pessoas para sobreviver e nos prédios habitados por aqueles outros tantos que mal conseguem sobreviver. O capital destrói, constrói ou reconstrói ali onde lhe é conveniente enquanto os habitantes e usuários do centro se refugiam em espaços opacos, nas dobras dos espaços abstratos, construindo e reconstruindo suas formas de habitar os lugares centrais. O objetivo deste grupo de trabalho é congregar os diversos tipos de abordagens etnográficas que revelem e discutam a complexidade e os antagonismos que se defrontam nos centros urbanos contemporâneos, a "guerra de lugares" que se processa nele e as formas de entender o que é o centro e como habitá-lo.

#### **Imaginar e habitar a cidade: reflexões sobre ocupação, arte e resistência**

**Autoria:** Francine Nunes da Silva

Em 2014, um casarão abandonado no centro da cidade de São Paulo foi ocupado por um grupo de artistas e produtores culturais para a organização de um ateliê compartilhado de criações artísticas e posteriormente espaço de moradia. Construído em meados de 1920, o imóvel teve várias finalidades e modificações na estrutura. E atualmente é intitulada Casa Amarela Quilombo Afroguarany. Os ocupantes procuram mobilizar localmente ações sócio-culturais que trazem no seu bojo as temáticas da arte, ocupação e resistência voltadas para as matrizes afro-indígenas, por isso a denominação "Quilombo" e "Afroguarany". A realização de atividades ligadas à música, arte urbana (TAG, pixo e graffiti), audiovisual, dança, teatro, performance, ensaio, bazar, sarau e festa de Dancehall confere ao território ocupado uma re-existência e sociabilidade que espelham referenciais culturais e coletivos da vida urbana. A conflitualidade no centro de São Paulo em relação principalmente a habitação é recorrente e os moradores das ocupações, como a da Casa Amarela, sofrem com as inúmeras tentativas de ordem de despejo e reintegração de posse. Assim, pode-se redimensionar a cidade a partir da chave da precariedade de condições e desigualdades sociais, econômicas, políticas, institucionais, laborais que afetam os habitantes, mas sobretudo pela luta por moradia digna como afirmação e organização por direitos de participação e acesso aos serviços públicos e bens culturais que a região central proporciona. Dentro dessa perspectiva as zonas centrais são caracterizadas pelas recorrentes remodelações que reiteram os processos de afastamento do 'outro', discriminação e preconceito. O presente work busca a compreensão da ocupação enquanto habitação e espaço de ação cultural, artística e política a partir das falas e narrativas dos residentes em meio a situações de negociação, representação e classificação ancoradas em fatores como, etnia, gênero, origem migrante, raça, idade, opção política, ocupação profissional. As conclusões preliminares trazem reflexões segundo uma abordagem agonística, de que a arte

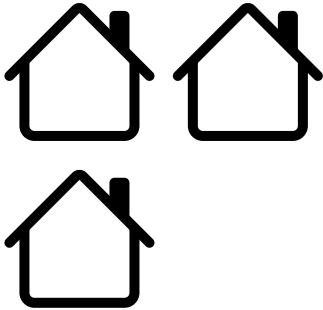


e a "cultura de rua, negra e periférica" podem intervir e ressignificar territórios em um contexto de dissenso em torno de temas silenciados e submersos que o consenso neoliberal tende a obscurecer e obliterar. Ao escapar das essencializações, das histórias oficiais e dos olhares disciplinares, a pesquisa etnográfica opera no sentido de que as conexões entre arte, cultura e política revelam que as formas de resistência podem criar engajamentos de cunho estético e crítico e um tipo de responsabilidade coletiva pela vida, pelas formas de habitar e pelo uso criativo e alternativo de imaginar a cidade.

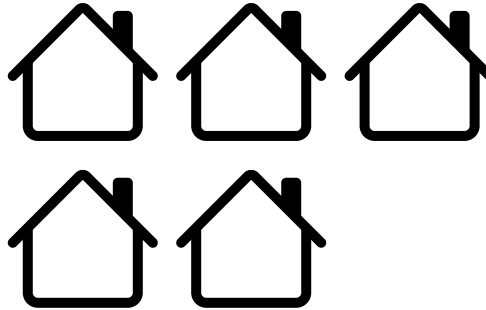
[Trabalho completo](#)



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

